

## **A beleza feminina nas páginas da imprensa florianopolitana nos anos 1960 e 1970**

Nucia Alexandra Silva de Oliveira<sup>1</sup>  
nucia.oliveira@gmail.com  
Universidade do Estado de Santa Catarina

**Resumo:** O presente artigo traz alguns dos textos publicados em dois jornais que circularam na cidade de Florianópolis entre os anos 1960 e 1970: *O Estado* e *A Gazeta*. O objetivo é apontar e discutir como o tema beleza aparece nos diferentes espaços desses jornais. Foram analisados textos publicados em colunas de beleza e também artigos que tematizam o cotidiano da cidade e que trazem alguma referência ao assunto. Em tais análises percebeu-se que os discursos produzidos em relação à beleza buscam reforçar padrões de feminilidade.

**Palavras-chave:** Beleza; Gênero; Imprensa; Florianópolis

**Abstract:** This article presents some of the texts published in two newspapers circulating in the city of Florianópolis between the years 1960 and 1970: *O Estado* e *A Gazeta*. The goal is to point out and discuss how the beauty theme appears in different spaces of these newspapers. We analyzed texts printed in "columns of beauty" and also articles that both analyze the daily life of the city as bring some reference to the subject. In these analyzes it was recognized that the speeches produced about the "beauty theme" reinforces femininity patterns.

**Keywords:** Beauty; Gender; Press; Florianópolis

### Considerações iniciais

“Receitas de beleza”, “segredos” ou “conselhos” de embelezamento são temas que atualmente podem ser facilmente lidos em páginas de revista e jornais. Do mesmo modo: fácil e rápido podem ser vistos em programas de televisão, em sites eletrônicos, ou em outros espaços de publicidade e mídia. Aliás, nunca se vendeu ou se falou tanto em modos de embelezamento do que nos últimos anos e qualquer busca sobre o assunto revela dados curiosos e alarmantes. A beleza é, portanto um tema contemporâneo sendo especialmente presente em textos que dizem respeito aos modos pelos quais homens e mulheres podem se tornar mais belas/belos, magras/magros, jovens, entre outros padrões. Contudo como uma questão que também é histórica, a beleza pode e deve ser analisada sobre tal perspectiva. Afinal longe de ser neutro, este tema traz muitas normatizações que implicam problemas como a obsessão pela magreza ou a juventude. Este artigo parte, portanto de uma constatação: a de que as questões que envolvem a beleza necessitam ser historicizadas para que haja um

---

<sup>1</sup> Doutora em História, professora da Universidade do Estado de Santa Catarina.



debate consistente sobre o tema e que coloque em questão as normatizações, exclusões, excessos e hierarquizações construídas em nome dos ditos padrões de beleza.

Para contribuir nesse debate o presente artigo traz alguns dos textos publicados em dois jornais que circularam na cidade de Florianópolis entre os anos 1960 e 1970: *O Estado* e *A Gazeta*. A intenção aqui é apontar como o tema beleza aparece nos diferentes espaços desses jornais, sejam eles textos publicados em colunas especificamente criadas para discutir o assunto ou ainda em lugares mais “neutros”. Que conselhos são dados? Que problemas são apontados? O que é elogiado? O que se diz sobre as mulheres que buscam o embelezamento? E sobre aquelas que exibem seus corpos? Qual o significado mais geral das discussões nesses jornais?

Para adiantar é possível dizer que nos jornais aqui citados parece haver uma polaridade nos textos que se referem ao tema. Isso porque se por um lado, podem ser percebidos elogios a beleza natural das mulheres florianopolitanas, por outro, pode-se perceber uma tendência de crítica contundente àquelas que cometem excessos pela vaidade ou pelo desejo de “estar na moda”. Elogia-se a beleza natural e a beleza que “enfeita” a cidade e estimula-se também através dos elogios àquelas que buscam os rituais de embelezamento. Mas são feitas críticas e restrições as que se expõem demais ou cometem outros tipos de exagero. Esta perspectiva não chega a ser uma grande novidade, pelo contrário trata-se de algo bastante comum quando se fala de beleza. A historiadora Denise Sant’Anna lembra tal aspecto ao falar da oposição entre corpo natural e aparência artificial presente nos textos publicados no Brasil durante a primeira metade do século 20.<sup>2</sup> Como destaca a referida pesquisadora, a pintura do rosto não era uma prática vista com bons olhos, especialmente para as “jovens decentes”.

Elogio/crítica. Através deste embate pode-se observar um discurso muito significativo sobre o tema... afinal ao elogiar/recomendar ou a criticar/reprimir temos muito mais do que orientações sobre o embelezamento. Tais discursos na verdade estavam criando sentidos/significados para a definição do que é belo ou não, mas principalmente estão determinando o que seria próprio ou não ao modelo de feminilidade. Vê-se, portanto que quando a beleza estava sendo tematizada era muito mais do que sobre o corpo que estava se falando. Tratava-se de um investimento sobre as mulheres e os padrões de comportamento e apresentação social que se esperava delas. E é sobre esta forma de educação que define e promove padrões de beleza e gênero, o disciplinamento e as distinções que este artigo pretende falar.

---

<sup>2</sup> SANT’ANNA, Denise. Sempre bela. In: PINSKY, Carla e PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.



Vale destacar aqui a importância de tal associação afinal o corpo e a beleza são elementos que são mobilizados para a definição do gênero. Na conceituação que já é tanto histórica quanto clássica Joan Scott escreveu que gênero: “é um elemento constitutivo de relações fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.<sup>3</sup> A definição de gênero de Scott implica quatro elementos que operam em conjunto: os símbolos, os conceitos normativos, a noção política e a identidade subjetiva. Para esta autora, os símbolos e os conceitos normativos permitem análises de representações construídas dentro de diversos contextos; a política, por sua vez, coloca a possibilidade de discussões das relações e organizações da sociedade; e finalmente, a identidade subjetiva é útil para o exame dos modos pelos quais as identidades de gênero são construídas e como estas se relacionam com diferentes organizações e representações sociais.<sup>4</sup> Seguindo esta definição e relacionando ao objeto deste artigo cabe dizer que ao investigar as diferentes tematizações sobre a beleza e o corpo o que está sendo colocada em questão é a forma como o gênero tem sido construído e representado em nossa sociedade. Especificamente no que se refere as mulheres temos representações muito estreitas e que geralmente estão circunscritas em valores como graça, encanto, delicadeza. Aliás estes são elementos que nossa sociedade tem usado para definir o que é próprio das mulheres. Cabe portanto uma demonstração destes elementos e uma discussão que desnaturalize tal associação. Este é também um dos objetivos deste artigo.

É importante situar a escolha das fontes de pesquisa. E neste sentido cabe dizer que os jornais são importantes documentos onde é possível ler, conhecer e interpretar diferentes páginas de nossa história. Maria Helena Capelato diz que a imprensa é um importante “agente da história” onde pode ser captado o “movimento vivo das ideias e personagens que circula pelas páginas dos jornais.”<sup>5</sup> Acompanhando tal entendimento penso o uso de jornais e revistas como fontes e entendo que através deles pode-se conhecer diferentes aspectos de um determinado contexto. Lendo textos e imagens publicados em revistas e jornais temos acessos aos mais distintos tipos de assunto desde a política até as questões mais cotidianas, passando também por temas como os cuidados com o corpo. Ou seja, todo um universo de informações está impresso nessas páginas e nesse sentido são representações de um dado lugar e tempo. Representações que ao serem lidas podem nos colocar como se pensava, como se viviam, qual o debate feito sobre este ou aquele assunto. O uso do conceito de tal conceito de representação

---

<sup>3</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, (16) 2, p. 5-22, jul/dez/1990.

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p. 13.



apoiar-se na definição de Roger Chartier. Para ele as representações “são esses esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras, às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”.<sup>6</sup>

Desse modo, entendo que a atividade de buscar os tipos de textos publicados sobre a beleza nos jornais de Florianópolis nos anos 1960 e 1970 pode dar visibilidade às representações de gênero que circulavam por esta cidade no período em questão. Uma visibilidade que é necessária ainda no propósito de desnaturalizar as discussões sobre a beleza e o entendimento deste assunto como algo que “sempre” ocupou as mulheres ou que faz parte de seu “universo”.

Cabe dizer finalmente que as discussões aqui presentes fazem parte de minha dissertação de mestrado apresentada no ano de 2001 junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. No trabalho intitulado “As páginas da beleza... as representações sobre a beleza feminina na imprensa (1960-1980) busquei discutir as representações da beleza feminina publicadas em três tipos de publicação: revistas feministas, jornais e alguns periódicos feministas. Neste artigo sistematizado tantos anos depois retomo as questões discutidas em um dos capítulos deste trabalho que teve como intenção apresentar artigos sobre o tema publicados nos jornais da cidade entre os anos 1960 e 1970.

#### A beleza que encanta, distingue e perturba: feminilidade normatizada

Como dito anteriormente quando folheamos os jornais *A Gazeta* e *O Estado* é possível localizar muitos textos que elogiam a beleza das mulheres florianopolitanas. Um desses textos é “Todas as meninas do mundo” publicado em janeiro de 1970 no Jornal *O Estado* e cujo autor é Sérgio da Costa Ramos:

Quando o céu está azul e o sol está queimando elas não precisam de algo mais do que um biquíni para enfeitar ainda mais a natureza. Cada uma tem o seu segredo, a sua receita de encantar. Nos fins de semana deste verão abrasador todas as meninas do mundo povoam as praias da ilha e do continente. [...] O erotismo está presente nas praias e em cada curva feminina se esconde um mistério pleno de sortilégio, o fascínio que delas se irradia já é o bastante para justificar o verão, não dispusesse ele de outros prazeres e de outras regalias a oferecer.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988, p. 17.

<sup>7</sup> Jornal *O Estado*, Florianópolis, n. 16.316, 25/01/1970.



Neste texto são muitos os aspectos a serem observados. Inicialmente chamo atenção para a conclusão do texto onde se fala que a beleza do corpo feminino é uma regalia oferecida aos olhos! É um prazer do verão! Além da evidente erotização esta associação faz pensar que os corpos femininos são como as paisagens da praia, certo? Pois, tal como as montanhas e o próprio mar estão servindo ao observador... afinal são “enfeites”! Penso que não é preciso discorrer muito mais para que se entenda que o que está sendo feito aqui é uma total “coisificação” do corpo feminino...

A mesma relação aparece no texto “A cidade na sua hora mais linda” publicado em 1961, também por Sérgio da Costa Ramos, em *O Estado*. Trata-se de um texto onde o jornalista afirma que a cidade é preenchida pela “ternura” e “graça” da beleza das jovens estudantes dos colégios Coração de Jesus e Instituto Estadual de Educação.

Depois do meio-dia, ou depois das 17 horas, as ruas ficam de repente tomadas por uma alegre população: ela flui das escolas e enche as ruas da cidade de ternura e graça. Depois de vencido mais um dia de tarefas escolares as alunas dos estabelecimentos de ensino de Florianópolis iniciam um passeio, já tradicional pelo centro, que se institucionalizou como um dever ou uma obrigação consolidada de ano para ano. [...] E naquelas horas, as ruas centrais ganham o colorido dos uniformes das colegiais e nas suas calçadas o direito de ir e vir é exercido com toda plenitude.<sup>8</sup>

Tal modo de falar das mulheres em total despersonalização é algo muito recorrente quando se fala de beleza e se elogia o corpo feminino como se este fosse algo a parte das próprias mulheres. Fala-se de beleza e associa-se a ela uma graça natural, um encanto ou ternura “próprios” da mulher... Por que?

Uma das respostas a tal pergunta pode-se estar no fato de que a beleza é um dos elementos que costumeiramente são utilizados para definir o gênero feminino. Como se a beleza fosse um dom das mulheres, fala-se de uma beleza que é desde sempre uma preocupação feminina. Em um texto publicado em *O Estado* em agosto de 1961 tem-se um exemplo deste modo naturalizado de perceber a beleza das mulheres.

Desde remotas eras a mulher tem dedicado especial atenção a seus cabelos. E para melhor adorna-los a mulher tem experimentado processo dos mais variados. Desde séculos os cabelos femininos tem sido cortados – envernizados – encrespados com tenazes – tintas – entrelaçados – torcidos de todas as formas – chegando a serem até cobertos com perucas. A que se deve tanto empenho? A resposta é muito simples. Uma cabeleira bonita é considerada a coroa da glória de uma mulher e também valoriza um rosto cuidado.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Jornal *O Estado*, Florianópolis, n. 14.235, 11/08/1961.

<sup>9</sup> Idem.



Mas é preciso dizer que a beleza nem sempre foi uma questão essencialmente feminina e que o próprio embelezamento é uma questão histórica, assim como são os valores que são associados a ela. A historiadora Denise B. Sant’Anna – já citada neste texto – desenvolveu uma rigorosa pesquisa sobre o assunto e mostra que ao longo do tempo muitas representações de beleza foram e são construídas. Sua conclusão é que “A insistência em associar a feminilidade à beleza não é nova. A beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino, atravessa os séculos e as culturas”.<sup>10</sup> Contudo e, como a própria pesquisadora adverte, as formas de falar e de conceituar a beleza não são as mesmas. Ela percebeu, por exemplo, que no início do século XX fala-se na beleza como um dom divino e nesse contexto as intervenções não eram bem vindas. Curiosamente, ela diz ainda que a falta de beleza era tratada como questão de saúde e nesse “tempo os remédios curavam a feiura”. Aliás, fazer-bela é uma possibilidade recente e que data de meados do século 20 e foi “conquistada” pelas mulheres justamente quando valores como a juventude e a magreza passaram a ser quase que unanimidade.<sup>11</sup> E quando passam a ser numerosos os artigos, os anúncios publicitários e demais tipos de textos que trazem segredos, receitas, nome de cosméticos, tipos de cirurgias plásticas que passam a significar o arsenal possível e infindável de possibilidades de mudar o corpo, tornando-o mais belo.

Voltando aos jornais florianopolitanos encontramos neles uma forma peculiar de falar às mulheres sobre o embelezamento e que são textos que não fogem muito do processo analisado pela historiadora Denise Sant’Anna. Também aqui temos textos que parecem partir do entendimento de que a beleza é um assunto fundamental e de interesse específico das mulheres.

Nesse sentido, gostaria de chamar atenção para um duplo anúncio publicitário publicado em *O Estado* em agosto de 1969 e que era destinado aos homens e às mulheres. Como será possível ler, homens e mulheres são chamados de modos bem distintos para serem leitores e assinantes deste jornal. Percebam ainda como os argumentos são hierárquicos, estereotipados e tem entendimentos completamente distintos do que seriam os “interesses” masculino e feminino. Inicialmente o texto destinado aos homens:

Só para homens – Nós queremos que você seja nosso assinante. Agora somos especializados em Santa Catarina. Observe este exemplar. Tem 95% de matéria

<sup>10</sup> SANT’ANNA, Denise. Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do Corpo*: São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 121.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 121.



sobre a nossa terra e a nossa gente. E o que você tira de útil e proveitoso do jornal (a propósito, como andam os conhecimentos de Santa Catarina?). Com essa preocupação de sermos úteis a você e ao Estado foi que introduzimos algumas modificações no jornal. Mudamos bastante. A curto prazo. Porém ainda não estamos satisfeitos. Pretendemos mudar mais. Em prazo menos ainda. Queremos fazer um jornal de que todos os catarinenses possam se orgulhar. Para isso precisamos que você seja nosso assinante.<sup>12</sup>

Já o anúncio destinado às mulheres traz o seguinte conteúdo:

Nós queremos que você seja nossa assinante. Não acreditamos que exista “mulher burra”. Só mulher mal informada. E como é triste isso. Num bate papo sobre Santa Catarina por exemplo cuidado para não dar vexame perante os amigos do marido. Mulher que lê o Estado não passa vergonha. O Estado esclarece acerca de tudo e é um jornal especializado em Santa Catarina. Tem 95% de matéria sobre a nossa terra e a nossa gente. E também tem matéria de interesse exclusivo da mulher e que não interessa aos homens. É por isso que você deve ler O Estado, justamente por isso que queremos que você seja nossa assinante.<sup>13</sup>

A forma diferente de oferecer o serviço de assinatura coloca muito claramente a maneira como homens e mulheres são entendidos como público deste jornal, bem como apontada também para as formas como os assuntos serão relacionado a ambos. Ao que parece, o entendimento é que o homem já está preparado e precisa apenas ficar por dentro do que acontece no estado. Já a mulher precisa ser informada e formada para não passar vergonha ou envergonhar o seu marido. Além disso, como se pode ler na frase “matéria de interesse exclusivo da mulher e que não interessa aos homens” há o entendimento de que as mulheres têm assuntos únicos e que não dizem respeito aos homens. O anúncio não diz quais são esses interesses, mas analisando o próprio jornal pode-se inferir que estes assuntos são aqueles relativos a embelezamento, a moda, culinária, entre outros temas que costumeiramente são associados ao público feminino em revistas e jornais.

A propósito, cabe falar um pouco sobre esses espaços destinados exclusivamente ao interesse das mulheres que são as colunas especificamente destinadas aos assuntos de beleza. Em *O Estado* havia a coluna “Conselhos de Beleza”, por sua vez em *A Gazeta* era publicado “O Cantinho da Menina Moça”. Em ambas eram publicados textos de tom “didático” onde se informava/ensina sobre problemas como a celulite, onde se aconselhava sobre a saúde das mulheres ou onde se anunciavam produtos. Na coluna de *A Gazeta*, que trazia a empresa Pond’s como patrocinadora é possível encontrar mais anúncios. A propósito nesta coluna eram publicadas cartas de leitora da conselheira certamente fictícia chamada “Miss Polly

---

<sup>12</sup> Jornal *O Estado*, Florianópolis, 15/08/1969.

<sup>13</sup> Idem.



Pond’s”. Esta, respondia a perguntas tais como “Qual o melhor tratamento para tirar maquiagem?”, “Como disfarçar nariz grande?”, “Como ter cartaz com os rapazes?”. Vale dizer que as respostas dadas a essas perguntas trazem uma mesma tônica: a conselheira falava às meninas que conservassem seus atributos femininos e inocentes, como a descrição na maquiagem, as “boas maneiras”, a maciez da pele. Segundo Miss Polly Pond’s observando estes cuidados a beleza, assim como a feminilidade estariam garantidas.<sup>14</sup> Ressalto que tais textos que traziam o tom de aconselhamento, ou ainda uma descrição didática do que cabia as “meninas-moças” são significativamente importantes pois através deles estão evidentes as representações normativas sobre os padrões de beleza e comportamento do período aqui estudado.

A estreita associação entre beleza e feminilidade aparece ainda em outro tipo de texto: aqueles que falavam dos números concursos de beleza que aconteciam na cidade. Eventos como: “Garota Radar”, “Senhorita Florianópolis”, “Garota Turismo”, “Rainha do Atlântico”, “Miss Santa Catarina”, etc. As notícias sobre os concursos de beleza podiam ser curtas, de página inteira, com pouco ou muitas informações. Tais notícias às vezes traziam foco sobre a cidade em que ocorria o evento e através desta ênfase destacava-se tanta a beleza das mulheres quanto a da própria cidade, aliás associando as duas coisas! Além disso, era bastante comum associar o prestígio de ter uma miss escolhida com o próprio desenvolvimento da cidade ou do estado. Nesse último aspecto a eleição Vera Fischer como Miss Brasil serviu de propósito para o texto de exaltação dos adjetivos catarinenses.

Pela primeira vez na história social de Santa Catarina, uma sua representante está em Miami Beach [...] Vera Fischer [...] soube com seu “charme” e alta distinção arrebatou o sizado júri que presidiu ao julgamento a maior glória para Santa Catarina ter conquistado o título máximo da beleza brasileira.<sup>15</sup>

Levando-se em conta os fatores conjunturais houve uma reversão de expectativa que possibilitou a vitória de Vera. É óbvio que uma simples análise sócio econômica concluirá pela identificação da massa assistente com a imagem catarinense de simplicidade. Em síntese foi a causa da saturação da vitória.<sup>16</sup>

A ainda a respeito da eleição da Miss Santa Catarina como Miss Brasil os jornais transformaram em notícia o fato do prefeito de Florianópolis ter enviado ao prefeito de Blumenau um telegrama onde parabenizava a cidade pelo ocorrido. A propósito o texto de comunicação entre os prefeitos dizia, segundo o jornal que: “O acontecimento transpõe as

<sup>14</sup>Jornal *A Gazeta*, Florianópolis, n. 7.373, 12/05/65.

<sup>15</sup>Jornal *A Gazeta*, Florianópolis, n. 8.210, 05/07/69.

<sup>16</sup>Jornal *O Estado*, Florianópolis, 06/07/69.





fronteiras de nosso Estado evidenciando a formosura da mulher catarinense”.<sup>17</sup> A associação entre a beleza das misses e o sucesso de uma determinada cidade ou estado não é certamente algo exclusivo da imprensa de Florianópolis, ao contrário esta parece ser uma forma bastante recorrente de texto. Neste sentido, pode-se supor que os jornais florianopolitanos – aqui analisados a partir de *O Estado* e *A Gazeta*, acompanhavam uma tendência nacional: a utilização da beleza feminina como elemento de diferenciação social e como símbolo de prosperidade. Como visto logo no início deste texto, a beleza feminina era descrita em tais jornais como um enfeite, um ornamento da cidade que como outros “pontos turísticos” servia ao embelezamento e a contemplação! A forma estereotipada é evidente neste tipo de associação/afirmação. Além do que tal tipo de narrativa demonstra a tentativa de uma valorização do belo como significado de distinção e poder. Aliás, Denise Sant’Anna acredita que os discursos relativos a beleza no Brasil extrapolam a simples narrativa que distingue o que é belo ou feio. Para ela há outras histórias paralelas nos discursos sobre o embelezamento...

[...] através das imagens e dos discursos criados com o intuito de embelezar a mulher, segundo os interesses econômicos, os padrões morais e os argumentos científicos de cada época, cruzamos outras histórias paralelas ao sonho de ser bela: no Brasil, em particular, o gesto que embeleza não desenha somente uma fisionomia mais à moda, em detrimento de uma aparência doravante considerada ultrapassada, portanto feia. Ao fazê-lo, ele também revela as diversas nuances do antigo sonho de ser moderno e civilizado, que há muito persegue as elites desse país.<sup>18</sup>

Assim ao dar visibilidade aos padrões de beleza, jornais e revistas mais do que fazer propaganda de um determinado produto ou assunto estão colocando em questão elementos que servem a determinação de “valores sociais”, que por sua vez interferem nas diferenças de gênero e classe. No caso dos jornais aqui discutidos interessou-me mais perceber as questões de gênero e pude perceber que a beleza foi um elemento constantemente utilizado pela imprensa florianopolitana para apresentar representações consideradas ideais ao público feminino.

A preocupação demonstrada por estes jornais em discutir e apresentar modelos de comportamento ou de exposição do corpo que aparece nesses jornais dos anos 1960 e 1970 é de fato uma característica já presente em outros periódicos de Florianópolis e que foram investigados em alguns trabalhos sobre a cidade. Joana Maria Pedro, reconhecida historiadora catarinense, informa no livro “Nas tramas entre o público e o privado” que artigos, notas e

---

<sup>17</sup> Jornal *O Estado*, Florianópolis, 11/09/69.

<sup>18</sup> SANT’ANNA, Denise. Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do Corpo*: São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 122.



outros textos publicados nos jornais desterrenses tinham já no século XIX a função de demarcar as fronteiras que separavam as elites das camadas populares. Além do que traziam muitos textos que envolviam as questões de comportamento especialmente a partir de uma ênfase normatizadora.<sup>19</sup>

Evidentemente que o tempo que separa o período analisado por Joana Pedro e este contemplado aqui guardam especificidades no que se refere a muitos aspectos. Contudo e apesar das possíveis diferenças pode-se dizer que nos anos aqui pesquisados os jornais tinham também esta função de colocar em evidência os temas que seriam comentados, discutidos e vivenciados pela cidade. E que desempenhavam tal tarefa buscando normatizar e definir condutas. Nesse sentido, é possível dizer que a atuação desses jornais é importante por dois motivos: primeiro porque eles colocam na cena pública os temas mais variados como lembra Jürgen Habermas que diz “só a luz da esfera visível que aquilo que é consegue aparecer, tudo se torna visível a todos”<sup>20</sup>; e segundo, pelo fato já mencionado de que esta tarefa de colocar em cena os assuntos era feita muitas vezes através de discursos pontuais e repletos de diferença de gênero e classe.

É importante dizer que Florianópolis atravessou entre os anos 1960 e 1970 um importante momento de sua história no que se refere as mudanças urbanas, econômicas e sociais. Transformações que envolvem um crescimento urbano populacional onde o número de habitantes passou de 25.014 (anos 1940) para 72.889 (anos 1960) e 115.547 (anos 1970).<sup>21</sup> Ou ainda, que dizem respeito às alterações na configuração do centro da cidade que são expressas por inúmeras obras (Construção da Ponte Colombo Salles, Aterro da Baía Sul, Via expressa, etc.). E também que se referem a acontecimentos como a criação da Universidade Federal de Santa Catarina e da BR 101.<sup>22</sup>

Muitos historiadores catarinenses já escreveram sobre o impacto de tais eventos para a cidade demonstrando que as transformações foram significativas e que mudaram definitivamente o cenário de Florianópolis. Maria Bernardete Ramos Flores entende que tanto a construção da BR 101 quanto a criação da UFSC, bem como a implantação da Eletrosul causaram forte impacto na cidade. Sendo que tal movimento pode ser sentido principalmente através do incentivo ao turismo que passa a ser construído como atividade econômica.<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995, p. 52-53.

<sup>20</sup> HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 16.

<sup>21</sup> PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. A evolução urbana de Santa Catarina no período de 1940 a 1970. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, n. 1, set./1979.

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A farra do Boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.



Sérgio Luís Ferreira, por sua vez, destaca que houve ainda um “descobrimento” da natureza pelos próprios habitantes da cidade que passaram a buscar práticas de lazer ao ar livre e nas praias, sendo a introdução do banho de mar uma dessas novas práticas de lazer.<sup>24</sup>

Certamente que tantas novidades não foram vivenciadas sem tensões ou espanto pela população local. Os turistas que chegavam por conta do incentivo feito nacionalmente para atrair visitantes traziam novos costumes. A juventude que buscava os cursos da UFSC e que movimentavam o entorno deste local também trouxe outras questões e hábitos. A exposição dos corpos no banho de mar certamente não era algo “tranquilo” aos olhares mais conversadores. De modo geral, pode-se entender que esses novos tempos significaram novas relações entre os habitantes da cidade e aqueles que aqui chegavam e isto foi também tema dos jornais.

Vivendo entre a modernização e os ares de cidade pequena os habitantes de Florianópolis experimentavam novos costumes... e alguns deles eram vistos como certo espanto e/ou recriminação. No exemplo citado a seguir, temos um texto que narra um pouco deste processo...

No princípio, tolerou-se os impulsos das novas gerações, em prol da maior liberdade de expressões, de pensamentos, de atitudes e de comportamento, como um desejo de aperfeiçoar os costumes. O tempo foi passando e as inovações foram sendo conquistadas uma a uma. A moda chegou as praias, com seus trajes considerados “avançados”, passa a escandalizar o grupo dos chamados quadrados que se julgam defensores de uma sociedade aparentemente extinta. Levantam suas pregando moral e decência. Porém já é tarde. A juventude os ignora e segue no ritmo alucinante de modernismo.<sup>25</sup>

Finalmente cabe dizer que *O Estado* e *A Gazeta* trouxeram ainda textos que demonstram a tensão que ocorre entre os anos 1960 e 1970 no que se refere as relações entre homens e mulheres. Como se sabe, nestas décadas foram intensas as manifestações que reivindicavam os direitos das mulheres. Estas lutas e manifestações, bem como a maior participação das mulheres no espaço social e do trabalho modificaram e instalaram novas relações. Além disso, ao ter tal visibilidade e acesso a novos direitos, as mulheres foram fazendo novas escolhas e foram vivendo outras experiências em relação aos seus corpos, sua vestimenta e mesmo como o ato de embelezar-se.

Esta “nova presença” das mulheres no contexto social foi assim descrita em *A Gazeta* no texto “A elevação do prestígio feminino”, publicado em 01 de fevereiro de 1970.

---

<sup>24</sup> FERREIRA, Sergio Luiz. *O banho de mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

<sup>25</sup> *Jornal A Gazeta*, Florianópolis, n. 9.946, 14/11/1972.



Felizmente aos poucos vai mudando a mentalidade que afirma “lugar de mulher é em casa”. Sem dúvida ninguém nega a importância da presença da mulher no lar. [...] Mas não é sob este aspecto que a mulher se vai impondo no conceito da outra metade da humanidade. Sob o seu prestígio ao constar-se a sua eficiência em setores antes completamente vedados às filhas de Eva. É que com seus encantos pelos quais sempre primou e sempre primará, a mulher vem evoluindo...<sup>26</sup>

Neste trecho pode-se perceber que a ênfase dada é sobre o fato de que as mulheres alcançavam outros espaços além do lar. E que isto significa um novo prestígio e o reconhecimento da eficiência feminina em outros setores. Além disso, chama atenção o comentário de que as mulheres vão “evoluindo” (!) sem perder seus encantos... Ou seja, tem-se aqui a constatação de uma mudança por um lado, e a indicação de um desejo por outro: a de que as mulheres não percam seus “encantos”.

Esta tensão que coloca frente a frente as novas atividades das mulheres no espaço social e as representações normativas de gênero que definem o ideal feminino circunscrito ao lar e aos valores como delicadeza pode ser vista ainda em outro texto. Este foi publicado em *A Gazeta* em 1976 por Ivonita Souza, numa coluna chamada “Mulher”:

Após centenas de anos num ostracismo, finalmente a mulher desperta para a realidade de sua época. As universidades atestam a corrida feminista às cadeiras – as mais diversas – demonstrando, dessa forma que somos seres compatíveis com a sociedade, sem nos deixarmos arrastar por masculinizações, coadunando o lar com o trabalho e preservando o orgulho da maternidade e a aquela pequena dose de frivolidade tão apreciada pelos homens. [...] Felizmente os homens dos dias atuais encaram essa libertação de maneira mais amistosa, sem o temor de **perder seus poderes sobre suas esposas** ou o carinho de mães. Conscientizam-se de que apenas desejamos o passaporte para uma relativa liberdade de ação, sem que isso implique em libertação de sentidos ou de aberração moral.<sup>27</sup>

Neste texto são muitas as questões que precisam ser destacadas: a indicação de que as mulheres permaneceram no “ostracismo” por conta de um voluntário sono (!); a confusão entre as lutas feministas com a masculinização das mulheres; a exaltação da maternidade como principal valor feminino. Mas vejam: duas questões são ainda mais evidentes do tom normatizados dos textos analisados aqui: a primeira delas é que a autora do texto se apressa em dizer que as mulheres querem uma relativa liberdade de ação que não comprometerá a moral feminina; já segunda questão que chama a atenção é a evidente exposição do fator dominação masculina exposta na frase “sem o temor de perder seus poderes sobre suas esposas”! O texto traz exposto uma tensão entre a descrição e o elogio dos novos

<sup>26</sup> *Jornal A Gazeta*, Florianópolis, 01/02/1970.

<sup>27</sup> *Jornal A Gazeta*, Florianópolis, 1976.



comportamentos femininos, mas, por outro lado tem o objetivo de mostrar que tais mudanças não significam transformações morais ou de comportamento para as mulheres ou as relações entre maridos e esposas. Além disso, cabe destacar que este modo de publicizar a liberdade buscada pelas mulheres corrobora com uma ideia errônea do que são as reivindicações feministas.

Outro tipo de texto que desperta curiosidade e que também mostra esta tensão latente e existente especialmente nos anos 1970 sobre a diluição das fronteiras entre homens e mulheres são os que falam a respeito da moda unissex. No artigo publicado em março de 1970 e cujo título é “Quando os sexos se confundem” discute-se o receio de perda da masculinidade/virilidade por conta do que eles usam na moda.

Paira no ar estranha dúvida, medo inconfesso: frente a invasão de brocados, babados e cores na moda masculina, pergunta-se se “masculina” seria ainda termo adequado. Falta-nos talvez, mais do que a virilidade constantemente posta à prova um mínimo de memória. [...] A dúvida maior, a disputa foi sempre para saber quem imita o outro, se o homem copia a roupa da mulher, ou se a mulher frustrada, como querem tantos, por sua inferioridade social, tenta diminuí-la copiando o traje de seu amo.<sup>28</sup>

Questão semelhante aparece no texto “Masculino, Feminino e Neutro” de Sérgio da Costa Ramos. Neste artigo o jornalista discute o fato de que os homens demonstram preocupação com a vaidade. Ele escreve: “De repente, todos ficaram vaidosos, os homens mais do que as mulheres. [...] Hoje o exotismo das indumentárias masculinas é elogiado, e exibido pelos homens...”. Há ainda no texto uma previsão que é tanto um alarme quanto a confissão de um medo.

[...] no ano 2000 esse negócio de sexo passará a ser um reles e pífio detalhe. Poderemos mudar de sexo como mudamos de roupa ou, precisamente naquela hora em que começarmos a nos sentir mal como homens ou como mulheres. Se, varão convicto, chego em casa muito preocupado com “aquela espinha” e corro aflito ao espelho a aplicar boa porção de besuntos, terá com certeza chegado a hora de aceitar os óbvios mais que ulutantes: 1) que já não sou tão homens assim; 2) que é preciso, urgentemente virar mulher.<sup>29</sup>

Neste texto temos uma boa oportunidade de perceber que as discussões sobre a vaidade masculina não são tão tranquilas e naturais como aquelas que falam da beleza feminina. Certamente que o texto parece fazer ironia com o assunto, mas para além desta “brincadeira” tem-se evidenciado o temor que os padrões de masculinidade seja diluídos frente a busca dos

<sup>28</sup> Jornal *O Estado*, Florianópolis, 19/04/1970.

<sup>29</sup> Jornal *O Estado*, Florianópolis, 17/10/67.



homens pelos cuidados com o corpo. De fato, artigos que falam aos homens sobre embelezamento ou que elogiem a beleza masculina não aparecem nos jornais pesquisados para este artigo. Os homens são elogiados por outras questões: por sua dignidade, honra e força – elementos que tradicionalmente são utilizados para a definição do padrão de masculinidade. Beleza, como procurei discutir ao longo dos exemplos citados nos jornais florianopolitanos, era basicamente um tema de interesse das mulheres.

### Considerações finais

O objetivo principal deste artigo foi dar visibilidade a alguns dos textos publicados em dois jornais (*O Estado* e *A Gazeta*) que circularam na cidade de Florianópolis entre os anos 1960 e 1970 e cuja temática era a beleza. Assim foram citados aqui diversos tipos de textos: alguns discutiam padrões de beleza, outros elogiavam a beleza das florianopolitanas ou descreviam os modos de embelezamento. Além disso, também foram apresentados textos que falavam na nova situação das mulheres nas décadas onde o movimento feminista ganhava espaço no Brasil. Finalmente também apareceram nesse artigo notícias sobre a tensão provocada pelos novos modismos, entre eles a exposição do corpo e a vaidade masculina. Todos esses textos colocaram em questão as representações de gênero e beleza presentes na imprensa florianopolitana – uma questão importante e que precisa ser colocada em questão dada a importância de tais temáticas.

A descrição dos textos e análise dos mesmos colocou em evidência a seguinte questão: ao falar da beleza feminina e ao prescrever padrões de comportamento relacionados ao embelezamento os jornais traziam um discurso onde se lê uma feminilidade normatizada. De acordo com os textos citados aqui se pode ver que a beleza é antes de tudo um tema de interesse das mulheres. E ainda “ser bela” era descrito como algo natural ao universo feminino. Ou seja, a grande ideia circulando nos jornais florianopolitanos – aqui representados por *O Estado* e *A Gazeta* – é de que as mulheres deveriam buscar os rituais de embelezamento, contudo buscando manter uma feminilidade discreta e natural. Afinal como visto elas eram constantemente elogiadas por sua beleza que encantava e preenchia as paisagens florianopolitanas... Por outro lado, temos artigos que buscam “conter” os movimentos de liberdade das mulheres. A nova atitude feminina era entendida como algo que “acontecia” no país e na cidade, contudo seria – ainda de acordo com os jornais pesquisados – importante que as mulheres não se masculinizassem. (!)



Como disse nas considerações iniciais deste artigo, a beleza é uma questão histórica e como tal deve ser entendida e discutida. Afinal quando se coloca em debate os modos de representação e tematização de padrões de beleza e de gênero estamos buscando colocar novas questões que envolvem as relações de/entre homens e mulheres. São velhas e novas questões sobre as quais todos/todas precisam se lançar...

Fontes:

Jornal *A Gazeta*, Florianópolis, 1960-1970.

Jornal *O Estado*, Florianópolis, 1960-1970.

Referências bibliográficas:

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

FERREIRA, Sergio Luiz. *O banho de mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A farra do Boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, (16) 2, p. 5-22, jul/dez/1990.

SANT'ANNA, Denise. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, Denise. (Org.). *Políticas do Corpo*: São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANT'ANNA, Denise. Sempre bela. In: PINKY, Carla e PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. A evolução urbana de Santa Catarina no período de 1940 a 1970. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, n. 1, set./1979.



PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.

Recebido em 26 de novembro de 2012.

Aceito para publicação em 20 de dezembro de 2012.

